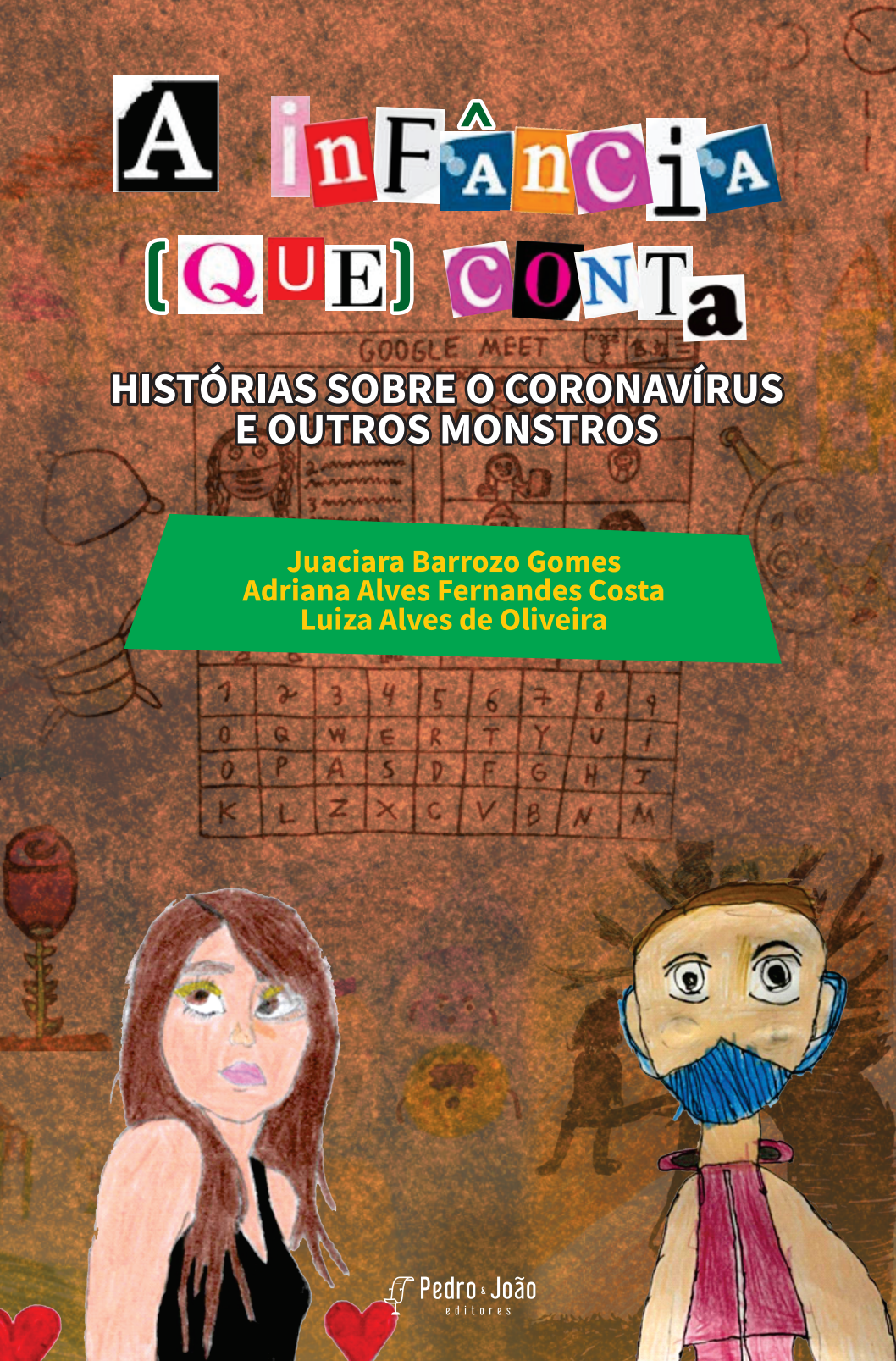
A INFÂNCIA [QUE] CONTA

HISTÓRIAS SOBRE O CORONAVÍRUS E OUTROS MONSTROS

Juaciara Barrozo Gomes
Adriana Alves Fernandes Costa
Luiza Alves de Oliveira



Pedro & João editores

A INFÂNCIA (QUE) CONTA:
HISTÓRIAS SOBRE O CORONAVÍRUS E OUTROS MONSTROS

Pedro & João
editores

Autores

Alice de Fátima Costa Almeida
Arthur Duarte Combochi
Caio Ferreira Castro
Catarina Ferreira de Carvalho Guerra
Enzo Pioli Figueira
Gael Barrozo Gomes da Silva
Guilherme Fernandes do Nascimento
Guilherme Duarte Combochi
Isabela Varani Souto
João Miguel Abrão Pina Lopretti
João Pedro Farias Barreto
Júlia Marinho Vieira
Laura Virgínia Figueiredo Vieira
Lucas Brant e Silva de Albuquerque Vianna
Luiza de Moura Mattos
Maria Clara Araujo Ruas Mello
Mellyna Myrrha Alves Silva
Pedro Antunes de Mattos
Sara Vitória Silva de Oliveira
Sofia Dantas Chirico
Sofia Fernandes do Nascimento
Theo de Menezes Faria Barreto
Valentina Barrozo Gomes da Silva

Juaciara Barrozo Gomes
Adriana Alves Fernandes Costa
Luiza Alves de Oliveira
(Organizadoras)

A INFÂNCIA (QUE) CONTA: HISTÓRIAS SOBRE O CORONAVÍRUS E OUTROS MONSTROS

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Juaciara Barrozo Gomes; Adriana Alves Fernandes Costa; Luiza Alves de Oliveira [Orgs.]

A infância (que) conta: histórias sobre o coronavírus e outros monstros.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 81p.

ISBN: 978-65-5869-301-7 [Impresso]
978-65-5869-306-2 [Digital]

1. Infância. 2. Histórias infantis. 3. Narrativas. 4. Coronavírus. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2021

Dedicatória

Dedicatória é quando a gente quer demonstrar em palavras nosso amor pelo(s) outro(s). Então, esse livro é para todas as crianças do mundo que, mesmo sem sabê-las, são amadas por nós. Aquelas que habitam esse mundo esquecido de sonhos e aventuras, mas principalmente para cada uma que nos deu suas palavras e nos contou suas histórias sobre o coronavírus e outros monstros. E também para as que são luz aqui ou nas estrelas. No fundo, a coragem de cada uma nos impele a esperançar e lutar por dias em que correr e brincar ao ar livre, sem medo nem limites, seja um direito de todos nós.

Sumário

Prefácio 9
Sonia Kramer

Nossas palavras 15
Juaciara Barrozo Gomes
Adriana Alves Fernandes Costa
Luiza Alves de Oliveira

E assim nos contou...

Alice de Fátima Costa Almeida 17

Arthur Duarte Combochi 19

Caio Ferreira Castro 23

Catarina Ferreira de Carvalho Guerra 27

Enzo Pioli Figueira 29

Gael Barrozo Gomes da Silva 33

Guilherme Fernandes do Nascimento 37

Guilherme Duarte Combochi 39

Isabela Varani Souto 43

João Miguel Abrão Pina Lopretti 45

João Pedro Farias Barreto 47

Júlia Marinho Vieira 49

Laura Virgínia Figueiredo Vieira 51

Lucas Brant e Silva de Albuquerque Vianna 53

Luiza de Moura Mattos 55

Maria Clara Araujo Ruas Mello 57

Mellyna Myrrha Alves Silva 59

Pedro Antunes de Mattos 61

Sara Vitória Silva de Oliveira 63

Sofia Dantas Chirico 65

Sofia Fernandes do Nascimento 67

Theo de Menezes Faria Barreto 69

Valentina Barrozo Gomes da Silva 71

Sobre os autores e as autoras das histórias 75

Prefácio

Sonia Kramer (PUC-Rio)

O delicado convite para escrever esse prefácio e a leitura atenta das escritas das crianças provoca a escuta de seus modos de contar o que pensam, sentem, compreendem no contexto e no momento tão difíceis para todas as pessoas grandes e pequenas, desde que a pandemia de Covid-19 nos atingiu, em março de 2020. Convoca a ouvir com sensibilidade e afeto o que dizem deste contexto e deste momento.

Nas breves histórias que contam, falam de si, de seus gostos, medos, expectativas, ansiedades, da mudança de sonhos; do tempo e do lugar em que estamos, diante de situações nunca imaginadas; de sua imagem de família, de escola e de infância. Mas, além das palavras ou junto com elas, as crianças mostram o que dizem nos seus desenhos, nos riscos, traços e coloridos.

Esse prefácio foi escrito com dois desafios. Queria que fosse lido também para as crianças! Amei os desenhos, mas aqui no prefácio só me arrisco a trazer palavras. Ah, sim, prefácio: vem do latim, uma língua que não é mais falada e deu origem a muitas outras. Quer dizer "aquilo que é dito (*fatio*) antes (*prae*)". As palavras desse prefácio são, quase todas, ditas pelas crianças. Um desenho lindo como os delas, não sei fazer!

As crianças são diferentes: meninas e meninos, entre cinco e doze anos de idade; moram com as famílias em vários bairros do Rio de Janeiro, também em outros estados e fora do Brasil. Agitadas, curiosas, amigas, carinhosas, alegres, espertas, tímidas: assim falam de si. Uma é escritora. Saudáveis e alegres, gostam de brincar,

passear, estudar e aprender, desenhar, comer, dormir, de dançar, sentar em dupla, de uma cachorrinha.

Com a chegada da Covid-19 - as crianças contam - ninguém mais podia sair de casa, principalmente idosos e pessoas do grupo de risco; aulas presenciais foram suspensas. As crianças imaginavam - como nós, adultos - que a pandemia acabaria logo. Dizem que no início, era legal ficar em casa, parecia férias. Mas com notícias das mortes, pessoas internadas, entubadas, aumento de casos, "eu entrava em desespero. Será que nunca mais poderemos sair de casa? Quando descobrirão uma vacina? O que vai acontecer? Será que é o fim do mundo? Tantas perguntas inexplicáveis".

O tom trágico convive, nos relatos, com o bom humor: o mundo está meio chatinho, ninguém pode sair de casa, não pode ver os amigos e nem abraçar, por causa do corona "que mata pessoas malucas que não botam máscara". O tom por vezes é didático, preciso, informativo: "Para você se proteger, quando for para a rua, use a máscara o tempo todo. Se for falar com um amigo, use a máscara. Quando voltar em casa, lave a máscara.".

Sentem muito a falta da escola, precisam da escola; gostam da escola. Sentem falta das brincadeiras, das conversas e de estar perto dos amigos e da professora. Sentem falta de como a vida era antes. Saudade dos amigos, dos avós. Se sentem felizes por estar de volta ao colégio. "Precisava muito disso, não aguentava mais estar estudando apenas de casa. Aprender presencial é muito melhor".

Falam de dificuldades das aulas remotas. A conexão oscila; o computador deve ser compartilhado; aulas pelo celular! Acham mais fácil aprender de modo presencial com maior interação com professores e colegas. Reconhecem o esforço da escola e de professores para aprenderem de forma remota. Falam de mensagens de carinho e força da professora que sempre ligava. Ao mesmo tempo, com as

aulas remotas não precisam sair para estudar e passam mais tempo com a família trabalhando de casa.

Professores e amigos dentro de uma tela, sem abraço, sem aperto de mão, sem brincadeiras, sem o bate-papo na hora do intervalo, sem futebol com amigos. Dias preenchidos com aulas gravadas, *lives*, lições de aula e de casa. Com a volta às aulas na escola, algumas crianças ainda em casa, ficou mais difícil para algumas crianças entender a fala da professora usando máscara. Com generosidade, dizem que também para a professora ficar mais difícil porque ela precisa falar bem alto. Outras contam que ficaram enroladas no início, mas se adaptaram com o tempo.

A televisão só falava nisso, as crianças dizem. E se preocupam, ficam com medo, inseguras. Não querem pegar o vírus, nem que as famílias ou amigos peguem. Dias passam, meses avançam: não imaginavam ficar tanto tempo longe de tudo e de todos. Algumas tiveram a doença: sintomas, hospital, fizemos o teste e deu positivo. Sintomas leves, graças a Deus. Quatorze dias isolados. Ajuda de vizinhos e amigos.

Um pai pegou, ficou no quarto e o menino muito triste. Outra criança triste também quando uma pessoa da família pega o coronavírus, porque ela pode ter coisas graves e morrer. Uma conta que amigos da família não sobreviveram à covid-19 e a mãe, preocupada com a saúde, a limpeza da casa, os dias passando e todos dentro de casa, cuidando um do outro.

A prática que faz nascer esse livro precisa ser de todo dia. Como Juaciara, Adriana e Luiza propõem, precisamos sempre escutar o que contam as crianças do que vivem, observam, aprendem, do que ouvem, trocam, se ocupam e se preocupam.

O texto que leitores e leitoras encontram aqui pode gerar pesquisas com crianças de diferentes contextos, classes sociais, culturas. A partir dele, podem ser também

pensadas formas de agir com as crianças para, junto com elas, enfrentar as dificuldades das mudanças, dos sustos, das voltas, da permanência, instabilidade e incerteza da vida, dos sustos que traz, de nossos próprios monstros.

Sobretudo, pode evocar, alertar, lembrar, que as escolas – para crianças de todas as idades - precisam assegurar espaços e tempos para brincar, ensinar e fazer amigos. Por conta disso, o livro interessa a estudantes e profissionais das áreas da Educação, Psicologia, Saúde entre outras, para que saibamos ver nas vozes e ouvir nos rostos, sentimentos, desejos, saberes que as crianças são capazes de construir e expressar.

E o que aprenderem na quarentena? A lavar as mãos, passar álcool, usar máscara. A paciência, que nem tudo é como a gente quer no mundo. A aproveitar todos os momentos porque não são para sempre. A matar a saudade com chamadas de vídeo. Nomes de plataformas on line, aplicativos, jogos, videogames. A palavra pandemia.

O que esperam as crianças? Que encontrem logo a vacina para proteger da Covid e que a pandemia passe. Com esperança que um dia podemos voltar à vida normal. O que mais peço a Deus é a chegada da vacina e de dias melhores. Não vejo a hora de chegar o dia em que teremos uma solução para este vírus! Espero que encontrem logo uma vacina e que a pandemia termine para que tudo possa voltar ao normal. Todos querem voltar à vida normal. É muito sem graça viver com tanta restrição. Desejo que a pandemia acabe logo. Espero que chegue logo uma vacina.

O que desejam? Se eu pudesse, explodiria o coronavírus. A única coisa que eu quero é que ele acabe. Vai ser alegre como comer bolo! Vou fazer uma festa com todos as pessoas que existem em todas as casas.

Crianças, eu também! Quero vacina e festa! Poderia ter citado nesse prefácio nomes de autores famosos que estudam a infância e dizem que as crianças sabem ver e compreender o

mundo, percebem a coisa de um jeito e também ao contrário. De filósofos, psicólogos, pedagogos, sociólogos e sociólogos da infância, de antropólogos e linguistas.

Mas eu só quis ler as histórias e ouvir vocês. Como vocês, só quero vacina e festa!

Nossas palavras

O ano de 2020 não foi somente mais um ano na vida de tanta gente. No início, ainda pensávamos que viveríamos mais um ano e repetiríamos (des)encontros, atitudes e sentimentos diários. Não demorou muito para compreendermos que uma ameaça invisível transformaria nossos dias em isolamentos e saudades: o temível vírus do Covid-19.

Neste cenário, alguns professores universitários começaram a registrar seu cotidiano de aulas remotas, tarefas domésticas, cuidados com a família, a saúde... Nasceu um livro que contava da docência justamente quando as aulas invadiram computadores e chegaram aos nossos lares. Entre demandas, necessidades e ofícios, professores e professoras escreveram histórias para dizer de medos, dificuldades, pequenas alegrias, grandes superações dia após dia. O livro, "A docência (que) conta: narrativas de isolamento social", foi lançado ainda em 2020 e, na mesma ocasião, as organizadoras decidiram ouvir também a infância afetada pela pandemia do novo coranavírus.

Pensamos, em sintonia, que era preciso uma escuta atenta do que os pequenos tinham a nos dizer sobre a vida nesse modelo de afastamentos compulsórios. O que estariam pensando sobre o vírus, o ensino remoto, o rompimento de suas rotinas com amigos, primos, avós... Mas por onde e como começar? Suspeitamos que era preciso um contato pelos meios possíveis em tempos de quarentena e convidamos algumas crianças para chamadas de vídeo, conversamos, mas principalmente ouvimos o que elas queriam nos dizer.

Feito o convite, cada pequeno começou a escrever ou a contar, no caso dos que ainda não dominavam a escrita, suas histórias. Mas além de palavras, os desenhos também se fizeram presentes e o resultado é este livro que agora apresentamos.

O livro, que agora apresentamos aos leitores, é feito por crianças para outras crianças, mas também para adultos que sabem que somos feitos de histórias, como afirmava poeticamente o grande Eduardo Galeano. Cada narrativa foi tecida com palavras e desenhos, contornos e formas como só a linguagem infantil pode dizer.

A infância conta para quem quiser ler e se deliciar sobre o novo coronavírus e outros monstros que passaram a povoar os dias de muitas crianças, de todos nós e de cada um. Aqui, encontramos o que pensam e sentem as crianças sobre o uso de máscaras, o distanciamento social, as aulas *on-line*, o álcool em gel, a ausência dos amigos, da escola e das brincadeiras, o ficar em casa com pouco espaço. Tudo mudou tão de repente e foi preciso vencer muitas outras criaturas para conseguirem viver nesse "estranho" mundo novo.

Pretendemos, assim, subverter a ordem natural de silenciamento e tutela da infância pelos adultos para conduzir as narrativas das crianças em direção à centralidade da vida em meio a uma pandemia. Acreditamos que, em tempos de distâncias e ameaças, a infância tem muito a dizer e nós, a escutar atentamente.

As organizadoras
Juaciara Barrozo Gomes
Adriana Alves Fernandes Costa
Luiza Alves de Oliveira

Segurança contra o coronavírus

Alice de Fátima Costa Almeida[1]

Olá, eu sou Alice, tenho seis anos e eu moro em Bragança do Pará. Eu senti um pouco de medo no começo da pandemia, mas agora eu não sinto mais porque eu sei que isso é natural, e estou muito feliz de estar com minha família em casa.

A Covid-19 é uma doença que contamina as pessoas, então tem um isolamento para deixar todos ficarem seguros, nas suas casas. Eu acho que o isolamento é uma coisa boa pois a gente fica junto e se protege desse vírus, que é o coronavírus, que é a pandemia.

O meu medo é pegar o coronavírus, meu pai, meu irmão, minha mãe e eu, também as outras pessoas da família. Eu acho que não é certo sair de casa nessa pandemia. Eu fico triste quando alguma pessoa da minha família pega o coronavírus, pois ela pode morrer, e ter coisas graves, muito graves.

Em casa, durante a pandemia, eu brinco, assisto tevê e eu vejo filmes. A escola está tendo vídeo aula no *Google Meet*, e tem aulas gravadas que as professoras gravam aos que não foram para essas aulas. Gosto muito das aulas online pois a gente pode aprender sem ir à escola, e eu acho isso muito divertido.

Está sendo bom ficar em casa, pois eu me divirto muito com minha família.

[1] Alice de Fátima Costa Almeida, 6 anos, Bragança – PA.

Eu acho muito importante usar máscara para a gente não pegar o coronavírus, que é a Covid-19. Eu quero que as crianças permaneçam em casa, usem máscaras quando sair e não saiam muito das suas casas. As crianças que vivem nas ruas precisam achar um lugar seguro até o coronavírus passar, e também tomar água, se alimentar e se cuidar.

Arthur Duarte Combochi[1]

Eu sou o Arthur Duarte Combochi. Tenho sete anos e farei oito anos no próximo mês (novembro). Sou agitado, curioso, inteligente, amigo e carinhoso. Gosto de brincar, passear, estudar e aprender, dormir e comer. Moro no bairro de Senador Camará no Rio de Janeiro com meu pai, minha mãe e meu irmão.

Estudo em uma escola particular e estou no 2° ano de escolaridade em 2020. Entrei nesta escola no início deste ano, pois o meu irmão precisou mudar de escola, porque ele iniciou o 6° ano de escolaridade e não havia na escola em que a gente estudava, então decidi mudar junto com ele. Gostei bastante da escola nova, da professora e dos novos amigos. Parecia que o tempo passava rápido porque as atividades eram muito legais. Senti facilidade na adaptação à nova rotina e estava feliz até que a pandemia de Covid-19 chegou e as aulas presenciais foram suspensas.

No início, pensei que a pandemia iria acabar mais rápido e que eu voltaria para a escola e continuaria conhecendo a escola melhor. Porém, o tempo foi passando e a pandemia foi ficando mais grave. E aí a escola iniciou as atividades remotas. No começo só eram atividades para impressão em casa e vídeos gravados com a professora explicando as atividades e depois começaram a vir atividades para copiar nos cadernos, para realizar no livro e encontros virtuais com a professora. Achei as atividades fáceis e não tive dificuldades em acompanhar. Mas encontrei dificuldades com a tecnologia, pois em casa há

[1] Arthur Duarte Combochi, 7 anos, Rio de Janeiro - RJ.

apenas um computador e preciso dividir ele com meu irmão e às vezes preciso usar o celular, o que não é prático, sem contar que a tela é pequena e dificulta na hora de copiar as atividades.

O que eu mais sinto falta em relação às aulas presenciais são os momentos de brincadeira e conversa com os amigos nos momentos de intervalo e estar perto deles e da professora.

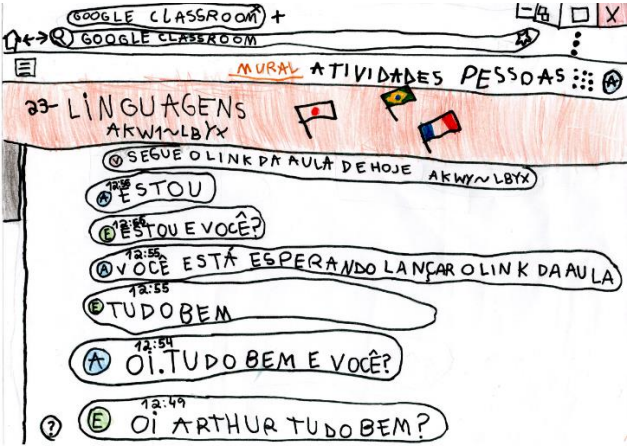
A parte boa da quarentena e das atividades remotas é que tenho mais tempo em casa com minha família, já que meus pais estão trabalhando de casa.

Eu acho que as atividades remotas não prejudicaram minha aprendizagem. A escola e os professores se esforçaram para que aprendêssemos mesmo com a distância.

Dia 19 de outubro, voltaram as aulas presenciais para quem o responsável optou pelo retorno, mas a escola deu a opção de continuar de forma remota. Meus pais escolheram que eu continuasse com as aulas de casa e eu achei uma boa decisão porque só faltam dois meses para terminar o ano e ainda nem tem vacina.

Depois que as aulas começaram desta forma, com alguns na escola e outros em casa ao mesmo tempo, achei que piorou um pouco, pois a professora tem que ficar de máscara e é um pouco mais difícil entender o que ela fala. Eu acho que também deve ser bem difícil para ela, pois tem que falar bem alto.

Eu espero que encontrem logo a vacina para proteger da Covid e que a pandemia passe para que eu possa viajar e andar sem máscara.


GOOGLE CLASSROOM +
GOOGLE CLASSROOM
MURAL ATIVIDADES PESSOAS
23- LINGUAGENS
AKW1~LBYx
SEGUE O LINK DA AULA DE HOJE AKWY~LBYX
12:55 ESTOU
12:55 ESTOU E VOCÊ?
12:55 VOCÊ ESTÁ ESPERANDO LANÇAR O LINK DA AULA
12:55 TUDO BEM
12:54 OI. TUDO BEM E VOCÊ?
12:49 OI ARTHUR TUDO BEM?

Caio Ferreira Castro[1]

Eu sou Caio Ferreira Castro, tenho dez anos e moro em Indaiatuba/SP. Hoje vou relatar como eu me senti e ainda me sinto com a chegada da pandemia do Covid-19. No início do ano, viajei de férias com a minha família para o parque do Beto Carrero e para Bombinhas/SC, uma praia relaxante, bem calminha. Foi bom demais, curtimos bastante por 2 semanas e retornamos para casa. Estava preparado e animado para o início das aulas, mas em poucas semanas anunciaram a chegada de um novo vírus, o Covid-19, e então ninguém mais podia sair de casa, principalmente os idosos e pessoas do grupo de risco.

Ligava a televisão para ver o noticiário e só se falava nisso em qualquer hora do dia. Aí, decidi não assistir mais a tevê porque eu ficava preocupado, com medo, inseguro, pois não queria que eu, minha família e amigos pegássemos este vírus e viéssemos a falecer.

No inicio, ficar em casa, eu achei legal, pois parecia que estava de férias... jogava vídeo game, assistia a filmes, brincava com meu irmão, mas quando escutava as notícias sobre o número de mortes em vários países, pacientes entubados, pessoas internadas, aumento de casos confirmados, eu entrava em desespero. Será que nunca mais poderemos sair de casa? Quando descobrirão uma vacina? O que vai acontecer? Será que é o fim do mundo? Tantas perguntas inexplicáveis.

Aí começaram as aulas *on-line*, tudo diferente do normal, meus professores e amigos passaram estar dentro de uma tela, sem abraço, sem aperto de mão, sem brincadeiras, sem o bate-papo na hora do intervalo, sem o

[1] Caio Ferreira Castro, 10 anos, Indaiatuba - SP.

futebol com os amigos. Meus dias eram preenchidos com aulas gravadas, *lives*, lições de aula e de casa, tirar foto das tarefas e entregar pelo *classroom*, provas *on-line*, simulados...Ufa! Achei diferente a forma de ensinar e de aprender. Fiquei enrolado no início, mas com o tempo fui me organizando e me adaptando.

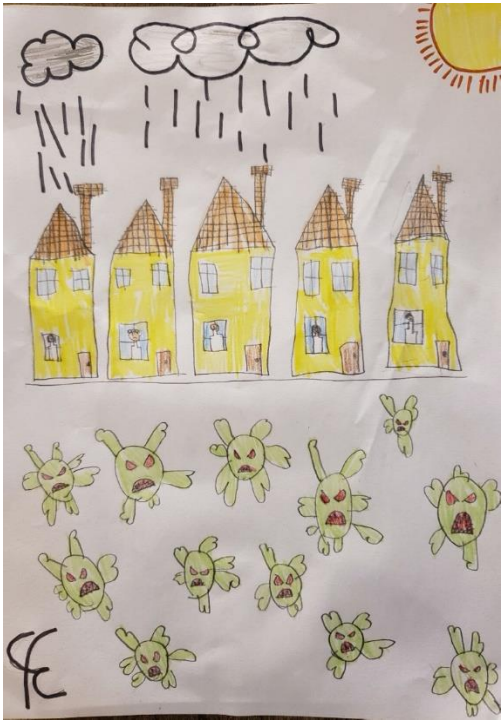
O dia do meu aniversário chegou. A festa foi em casa com meus pais e meu irmão e os familiares estavam presentes virtualmente. Cantamos parabéns *on-line*. Foi diferente, mas foi legal.

Os dias foram passando, os meses avançando, não imaginava ficar tanto tempo longe de tudo e de todos. Sinto falta de como a vida era antes.

Em setembro, eu e minha família tivemos sintomas de gripe, fomos ao hospital, fizemos o teste e deu positivo. Fiquei assustado. A médica que nos atendeu me tranquilizou, passou os remédios e, Graças a Deus, tivemos sintomas leves. Foram 14 dias isolados. Uma vizinha e uma amiga da mamãe nos ajudaram com as compras do mercado. Elas deixavam tudo na garagem.

Outubro chegou e recebemos um comunicado do colégio dizendo que aos poucos as aulas presenciais iam voltar, que estavam seguindo as normas e meus pais me autorizaram a participar. Hoje, tenho ido para a escola às quartas e sextas e nos outros dias da semana as aulas *on-line* continuam acontecendo. Uso máscara, álcool gel e mantenho a distância dos poucos alunos que estão indo também. Me sinto feliz por estar de volta ao colégio. Eu precisava muito disso, não aguentava mais estar estudando apenas de casa. Aprender presencial é muito melhor, sem comparação.

Hoje, tenho a esperança de um dia podermos voltar à vida normal. Hoje, o que mais peço a Deus é a chegada da vacina e de dias melhores.



Como foi minha vida na quarentena

Catarina Ferreira de Carvalho Guerra[1]

Oi! Eu sou a Catarina, tenho oito anos e recebi um convite igual a algumas crianças perguntando se eu não queria participar com uma escrita para um livro com outras crianças. Eu aceitei e aqui estou eu escrevendo um capítulo do livro.

Eu já sou "uma escritora". Estou escrevendo alguns livros em casa, uns 28, por aí... Gosto muito de escrever...

Bom, eu vou contar como foi minha vida na quarentena. Estou escrevendo isso para relembrarmos de como foi essa quarentena do Covid para nós e para outras pessoas também.

Nessa quarentena, eu aprendi muitas coisas como a paciência que está sendo muito importante nesse momento do Covid-19, por exemplo, por não podermos sair de casa e, então, ficamos irritados e aí que entra a paciência. Mas devem estar se perguntando: como entra a paciência?... Do nosso coração!

Também aprendi que nem tudo é como a gente quer no mundo. Por exemplo, eu, antes de nós podermos sair de casa, eu queria ir passear para tomar um picolé, mas como podia. Eu tive respeitar o Covid-19 porque se não eu podia pegar a doença! Aí, eu aprendi uma coisa que eu falei faz pouco tempo que é assim: nem tudo é como a gente quer no mundo!

Também tem outra coisa que eu aprendi sobre a internet. Eu aprendi que tem vários sites e aplicativos que eu não conhecia, mas também aprendi que sempre um adulto tem que estar perto de você em caso de emergência, por exemplo, desconhecimento de pessoa que "raqueia" e etc.

[1] Catarina Ferreira de Carvalho Guerra, 8 anos, Campinas – SP.

Para mim, essa experiência está sendo difícil e complicada, mas também serve para nós aprendermos sobre nossa amizade virtual e várias outras coisas.

Eu penso que todo mundo sabe que Deus e Jesus fizeram isso para ajudar no nosso aprendizado e principalmente pra gente aprender mais.

Narrativa do Enzo

Enzo Pioli Figueira[1]

Meu ano de 2020 começou totalmente diferente, cheio de expectativas e ansiedades.

Minha família e eu nos mudamos em janeiro para os EUA devido à transferência de trabalho do meu pai. Eu estava muito empolgado para conhecer uma vida nova em um novo país. Logo que cheguei, já me deparei com os primeiros desafios, como o inverno rigoroso e os primeiros alertas de tornado!

Ao iniciar meus estudos, outro desafio, pois aqui nos EUA o ano escolar é de agosto a junho, ou seja, eu entrei para a escola no meio do ano, onde as crianças já se conheciam e eu precisei me esforçar para fazer novas amizades. Fui muito bem recebido pela escola e pelos novos amigos que logo me convidaram para uma partida de futebol no final de semana. Eu adoro esportes e, a partir deste dia, comecei a praticar futebol e basquetebol.

No início de março, meus pais encontraram uma casa para morarmos. Nos primeiros meses, nós estávamos morando em um apartamento alugado pela empresa do meu pai.

Mudamos nos primeiros dias de março e, na semana seguinte, toda a crise de coronavírus atingiu fortemente os EUA.

Me lembro que fui na escola na segunda e terça-feira daquela semana de março. Na quarta-feira, meus pais decidiram não me levar, pois souberam que já havia um caso positivo na nossa cidade. Na mesma semana, a escola cancelou as aulas presenciais, em seguida as aulas de

[1] *Enzo Pioli Figueira, 11 anos, Estado da Louisiana - EUA.*

futebol e basquete foram canceladas e todas as academias fecharam, por segurança.

Apenas meu pai continuou trabalhando normalmente neste período. As aulas de inglês da minha mãe também foram canceladas.

Dias passavam e nós ouvíamos apenas notícias ruins. Muitas pessoas daqui se desesperaram e saíram comprando muitas coisas, que ficaram em falta no mercado: papel higiênico, arroz, macarrão e álcool gel.

Quando assistíamos a tevê, só se escutávamos falar de coronavírus. Toda hora, mais e mais pessoas doentes e morrendo e nossa restrição ia aumentando.

Como éramos novos no país, eu e minha mãe ficamos sem sair de casa por 12 semanas. Apenas meu pai saía para fazer compras no mercado. Nós ficamos com muito medo da situação e por estar morando no epicentro da pandemia.

Eu não consegui nem entender como era a vida dos americanos antes da pandemia! As pessoas do mundo inteiro tiveram que tentar entender uma nova forma de viver e com muita preocupação.

Tudo ficou estranho, em um lugar estranho, porque não tivemos tempo de conhecer nada. Nós ficamos isolados de tudo, pela pandemia e por não conhecermos nada e ninguém. Nossa adaptação ficou muito difícil. Eu queria conhecer amigos, falar de brincadeiras, poder brincar com eles, queria estar nas aulas, conhecer novos lugares, fazer meus esportes, mas nada era mais seguro!

Quando os números de casos começaram a diminuir, nós começamos a sair de casa, para conhecermos mais a cidade. No primeiro momento, me incomodei e me senti mal com a máscara e por sair de casa. Fiquei com medo e não queria tocar em nada. Usava o álcool gel nas mãos muitas vezes.

Dia após dia, quando precisava sair, a máscara passou a não me incomodar tanto. Em agosto, as aulas escolares

iniciaram na forma presencial, porém eu as faço *on-line*, porque meus pais acham que é mais seguro... Hoje, após 8 meses de restrição pela pandemia, tenho saído de casa poucas vezes, para práticas de futebol, compras com minha mãe, e aos finais de semana eu e meus pais passeamos ao ar livre.

Eu não vejo a hora de chegar o dia em que teremos uma solução para este vírus!

Todos querem voltar à vida normal. É muito sem graça viver com tanta restrição.

Eu quero voltar para as aulas com segurança, brincar com os amigos, praticar esportes, sair, viajar poder ver todos meus familiares e amigos que estão no Brasil, abraçá-los e curti-los livremente, como fazíamos antes deste vírus aparecer!

Gael Barrozo Gomes da Silva[2]

Eu sou Gael, eu gosto de jogar futebol e *Roblox*. Sou fofo como a neve, com olhos castanhos e brancos e cabelo como água de cor marrom. Eu gosto de ser um *gamer*, porque eles jogam para fazer o jogo existir. Mas agora o mundo está meio chatinho, ninguém pode sair de casa, não pode ver os amigos e nem abraçar por causa do corona.

O coronavírus é uma bactéria "impegante"(não dá para pegar). Um bicho muito chato que não me deixa sair de casa. Quem diria que uma bactéria pode fazer tanto estrago! Ele mata pessoas malucas que não botam máscara. Para você se proteger, quando for para a rua, use a máscara o tempo todo. Se for falar com um amigo, use a máscara. Quando voltar em casa, lave a máscara. Depois você tem que lavar ou passar álcool URGENTE no rosto, se não o corona pode se espalhar pela cabeça toda. Quando você não usa a máscara, ele entra pela boca. Tem que usar óculos quando tiver, porque ele passa no olho, aí, o óculos impede. Usar calça e cueca também é importante e tomar banho também.

Família é bom, ficar com a família em casa todo dia é meio chato. Poxa, toda vez na mesma casa! Tipo assim, eu jogo o mesmo jogo todo, todo dia. Aí eu fico entediado. É igual ficar em casa, eu fico todos os dias nela, aí... Fico entediado, querendo ir para outra casa né.

Escola para mim é um objetivo de estudar. A boquinha também gosta de estudar. Ficar em casa e não ir para a escola é chato. Eu gosto de ir para a escola, para fazer tudo

[2] Gael Barrozo Gomes da Silva, 6 anos, Rio de Janeiro - RJ.

o que eu quiser no parquinho. Eu uso a minha mente e sento com meu amigo para brincar. Quando está chovendo e o parquinho está molhado, a gente brinca em outra sala, mas quando chega na sala onde eu estudo, aí tem que guardar tudo. O lanche é a parte mais deliciosa! Estou sentindo falta do meu amigo Davi. Eu não consigo nem ver ele, nem pela ligação.

A escola com quarentena é muito ruim, não dá para ver os amigos e dividir. A aula com a professora é chata, porque não dá para estudar com os amigos, sentar na cadeira com eles. Com a professora eu gosto de falar, mas ela não escuta, porque todo mundo fala na mesma hora e fica uma zoeira, aí é difícil entender até eu mesmo.

O que eu mais gosto de fazer na quarentena é mexer no telefone, brincar no meu carrinho, ir para piscina. Eu brinco com meu pai, porque minha irmã às vezes nunca brinca. Eu estudo com meu avô, aprendo as coisas perigosas como tsunamis, redemoinhos e "tremolhos" (terremoto). Com a minha avó, eu brinco de viagem. Com a minha imaginação, a gente deita na cama de olhos fechados e imagina tudo, o avião, a cachoeira... O que eu mais gosto é a parte da turbulência e do helicóptero. Com a minha mãe, eu estudo fazendo brincadeira no computador e abraçando ela. Valentina é minha irmã. Às vezes ela é muito irritante, mas ela brinca comigo e vê filme. A brincadeira que eu mais gosto de fazer com ela é a de feitiços e magia de *Harry Potter*. Quando eu saio de casa é legal, mas nem tanto, porque tem que usar máscara. É muito horrível de usar, ela não me deixa respirar.

Se eu pudesse, eu explodiria o coronavírus. A única coisa que eu quero é que ele acabe. Acho que o dia que ele acabar vai ser alegre como comer bolo! Vou fazer uma festa com todos as pessoas que existem em todas as casas. Todos vão colocar bandeirinhas, fogos de artifício. Quando

uma festa acabar em uma casa, todos vão para outra casa, depois para outra casa. E vão falar assim: Que festa boa!

Guilherme Fernandes do Nascimento[1]

Meu nome é Guilherme, eu tenho seis anos. Gosto de vídeos de carros e de brincar com amigos.

Nesta quarentena, eu jogo bola, brinco de carrinho, leio livro com minha mãe, viajo para casa do meu pai que também tem amiguinhos. Também passeio com a minha tia quando ela vem aqui. Ela é muito legal! Estou ajudando minha mãe a estender roupa também.

Gosto de ir pra escola, mas não podemos ir por causa do coronavírus, mas logo poderemos ir porque vamos tomar vacina. Sinto falta de ir pra escola por causa das brincadeiras e dos amiguinhos.

[1] Guilherme Fernandes do Nascimento, 7 anos, Hortolândia - SP.

Guilherme Duarte Combochi[1]

Eu me chamo Guilherme Duarte Combochi e tenho doze anos. Sou um menino alegre, esperto e um pouco tímido. Gosto de viajar, ficar com minha família, jogar no celular e comer. Moro no bairro de Senador Camará, no Rio de Janeiro, com minha mãe, meu pai e meu irmão.

Estudo em uma escola particular e estou no 6º ano de escolaridade. É meu primeiro ano nesta escola. Eu estava me adaptando e conhecendo os colegas. Estava gostando bastante da escola quando a pandemia de coronavírus começou e mudou tudo. As aulas foram suspensas e tivemos que ficar em casa, em isolamento social.

Quando a pandemia chegou, senti um pouco de medo da doença e, por outro lado, gostei de ficar em casa com a minha família.

Uns dias depois, a escola iniciou o trabalho remoto com exercícios para fazer em casa e eu não senti dificuldades para acompanhar. A escola foi adaptando a forma de interação e iniciaram as aulas gravadas com os professores, explicando as atividades e conteúdos novos, utilizando também livros e cadernos. Depois, também iniciaram as aulas ao vivo através do aplicativo *Google Meet*. Com a manutenção da quarentena, a escola decidiu realizar avaliações através de simulados feito no aplicativo *Google Forms*.

As dificuldades que encontro em relação às aulas remotas ficam por conta da tecnologia, pois muitas vezes a conexão oscila e também pelo fato de apenas existir um computador em casa e a maioria das vezes tenho que

[1] Guilherme Duarte Combochi, 12 anos, Rio de Janeiro - RJ.

assistir as aulas pelo meu celular, pois deixo o computador para o meu irmão mais novo. E como a tela do celular é pequena, torna-se mais difícil fazer a cópia do conteúdo para o caderno.

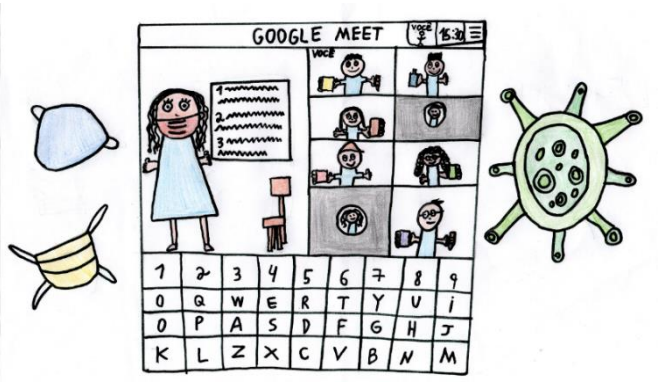
Eu acho que é mais fácil aprender nas aulas de forma presencial, pois é possível ter uma interação maior com os colegas e professores. Acredito que, se não fosse a pandemia, teríamos aprendido mais.

Sinto falta de poder conversar com os colegas nos intervalos e também de realizar as aulas práticas de educação física. Mas, por outro lado, gosto de algumas coisas que as aulas remotas proporcionam, como por exemplo não precisar sair de casa para estudar e passar mais tempo com a família.

Acho que a escola e os professores se esforçaram para que pudéssemos aprender de casa o máximo possível.

No dia 19 de outubro, a escola iniciou o trabalho de forma que alguns assistem as aulas na escola e outros de casa. Foi dada a escolha para cada família e meus pais optaram por me deixar assistindo as aulas de forma remota. Eu achei a escolha deles muito boa, pois não preciso me arriscar a pegar o coronavírus e transmitir para minha família. E esse novo formato não fez diferença para mim. Então, acho que posso terminar o ano de 2020 desta forma.

Espero que encontrem logo uma vacina e que a pandemia termine para que tudo possa voltar ao normal, um normal "melhorado" com as pessoas mais conscientes e solidárias.


GOOGLE MEET
1 2 3 4 5 6 7 8 9
Q W E R T Y U I
P A S D F G H J
L Z X C V B N M

Lidando com a quarentena

Isabela Varani Souto[1]

Na quarentena, tem muitas coisas diferentes de quando tudo estava normal, por exemplo, as aulas estão bem diferentes. Para algumas crianças, até que não é muito pior, mas para outros, como eu, só fez com que tivéssemos mais dificuldades para nosso aprendizado.

Normalmente, a casa é um lugar em que nós ficamos mais à vontade e ficamos mais soltos, porque é um lugar para relaxarmos, para nos divertirmos.

Porém, a escola é um lugar feito para estudar, para pensar, para estudar matemática, português, geografia, história etc., mas não é um lugar para se divertir.

Como estamos tendo que estudar em casa, isso atrapalha muito as coisas porque, como já citei, nossa casa é mais um lugar para se divertir do que para estudar. Então, tem esse sentimento de mais dificuldade do que na escola porque sentimos que estamos desconfortáveis. Por exemplo, na minha escola (de pedagogia Freinet), temos um caderno de matemática chamado c.a.c. Ele tem várias contas, com diferentes tipos de armamentos e eu comecei a fazer mais lentamente na quarentena por causa do que eu falei ali acima no meu texto. E também existe um caderno chamado texto livre, que é para fazer obviamente textos livres sobre o que quiser, mas também comecei a fazer mais lentamente, novamente por causa do que citei acima do texto. Mas as outras atividades, que as professoras mandam, até estou fazendo mais rápido.

[1] Isabela Varani Souto, 9 anos, Campinas - SP.

Quando íamos fazer trabalhos em grupo, era bem mais simples, mas agora, na quarentena, fica bem mais difícil porque nem todos conseguem usar o mesmo meio de comunicação graças à internet. Eu uso o *Hangouts*, que pode ser acessado pelo *gmail* e até que consegui fazer vários trabalhos de grupos por lá, mas sempre tem um amigo que tem dificuldade para utilizá-lo. Porém, também dá para utilizar o *WhatsApp*, mas para fazer trabalhos de escola prefiro o *Hangouts*. Mas quando vamos fazer uma chamada, para fazer trabalhos em grupo, também é difícil se concentrar no trabalho porque, como tem tempo que não nos vemos, em vez de trabalhar, ficamos colocando a conversa em dia.

Na quarentena, estou com muitas saudades dos meus amigos. Mas consegui manter contato pelo *WhatsApp* e *Hangouts* e às vezes combinamos de dar uma volta de bicicleta em alguma praça ou esbarro em um deles por aí, mas isso acontece raramente.

Mas mesmo com essas dificuldades, espero que consigamos superar tudo.

João Miguel Abrão Pina Lopretti [1]

Olá! Meu nome é **João Miguel**. Tenho 8 anos, sou brasileiro, mas faz 2 anos que eu moro em Katy, no estado do Texas. Gosto muito de morar aqui e tenho amigos muito legais!

Antes de tudo isso acontecer e o Covid chegar, o que eu mais gostava de fazer era brincar com os meus amigos no parque, na saída da escola.

O Covid-19 arruinou as minhas férias de verão. Estava tudo planejado para ir pro Brasil e ver a minha família. Mas aí... Covid chegou com tudo, um carro de Fórmula 1 se espalhando por todo mundo.

Aí, teve a escola *on-line*, a pior coisa do mundo pra ter aulas porque você não consegue fazer lição no meio da aula e aí tem um milhão de lição pra fazer depois das aulas e também você não consegue falar com outras crianças. Você não consegue interagir com o mundo lá fora da sua casa. Agora a vacina está chegando e tudo está ficando ótimo pro mundo. Meu desejo vai virar realidade!

[1] João Miguel Abrão Pina Lopretti, 8 anos, Estado do Texas – EUA.

Katy, tx USA 2020
João miguel
8 anos.

Diário de um menino quarentenado

João Pedro Farias Barreto[2]

Quando recebi a notícia de que não devia ir mais para a escola, que não poderia ver meus parentes, nem ir ao shopping, bem, confesso que fiquei um pouco angustiado, com medo. Então, me perguntei: – como vou poder ver as pessoas de meu convívio?

Passaram-se alguns dias, e recebo a notícia de que para sair de casa deveríamos usar uma máscara. Então, como eu poderia usar uma máscara o tempo todo?

Bem, passaram-se mais uns dias e literalmente eu não estava tendo contato com ninguém, nem com os meus avós eu estava tendo contato, logo eles que cuidavam de mim e do meu irmão quando meus pais estavam trabalhando.

A parte boa da quarentena é que eu estava passando mais tempo com a minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão. Aprendi a pular corda e a pular amarelinha.

A aula *on-line* está sendo legal. No começo, eu estava achando chato porque parecia que eu passava mais tempo de aula na frente de uma tela do que passava na sala de aula, porque na aula presencial podia conversar com o colega do lado e na aula *on-line* não podemos.

No meio da quarentena... Eu ainda não estava saindo de casa e finalmente vi os meus avós pela primeira vez nessa quarentena e fiquei muito feliz.

Em alguns momentos, eu pensava: nossa, meu sonho era ter um cachorrinho! E uma semana depois o amigo do meu pai chega com uma caixa dizendo que era um siri e eu

[2] João Pedro Farias Barreto, 10 anos, Rio de Janeiro - RJ.

pessoalmente não gosto de siri, mas para não ser mal educado eu fui. Mas não parecia ser um siri. Era preto, peludo e grande e eu fiquei logo assustado. O meu irmão botou logo a mão e, quando ele levantou a mão, era uma cachorrinha. Naquela hora, confesso que meu coração chorou por dentro e aquele medo que eu tinha de cachorros foi desaparecendo logo, logo.

Atualmente na quarentena... Meus avós estão vindo para minha casa cuidar de mim e do meu irmão enquanto meus pais trabalham e também estão "morando" por enquanto na minha casa porque o banheiro deles está em obra.

Quando comecei a escrever esse texto, fiquei pensando: o novo diário de um banana na quarentena vai ser escrito por mim?

Eu sou João Pedro de Menezes Faria Barreto, nasci em 3/4/10 e hoje tenho dez anos.

Júlia Marinho Vieira[1]

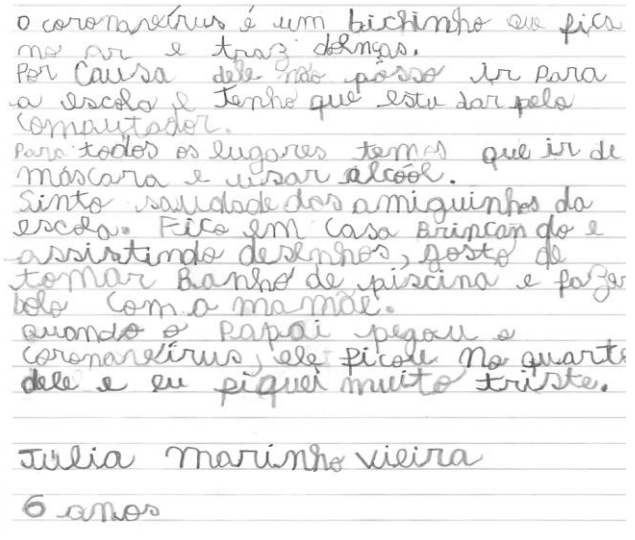
O coronavírus é um bichinho que fica no ar e traz doenças.

Por causa dele, não posso ir para a escola e tenho que estudar pelo computador.

Para todos os lugares, temos que ir de máscara e usar álcool.

Sinto saudades dos amiguinhos da escola. Fico em casa, brincando e assistindo desenhos. Gosto de tomar banho de piscina e fazer bolo com a mamãe.

Quando o papai pegou o coronavírus, ele ficou no quarto dele e eu fiquei muito triste.


o coronavírus é um bichinho que fica no ar e traz doenças.
Por causa dele não posso ir para a escola e tenho que estudar pelo computador.
Para todos os lugares temos que ir de máscara e usar álcool.
Sinto saudade dos amiguinhos da escola. Fico em casa brincando e assistindo desenhos, gosto de tomar banho de piscina e fazer bolo com a mamãe.
Quando o papai pegou o coronavírus, ele ficou no quarto dele e eu fiquei muito triste.

Julia Marinho Vieira
6 anos

[1] Júlia Marinho Vieira, 6 anos, Capanema - PA.

Laura Virgínia Figueiredo Vieira[1]

Meu nome é Laura Virgínia, tenho cinco anos e o que eu mais gosto de fazer é desenhar. Aprendi com meu pai e desenho muito bem. Eu desenho mais de dia do que de noite.

Na pandemia, a gente não pode ficar perto do outro. Eu tenho ficado em casa com papai e mamãe e só saio de máscara. Agora, não posso ir na casa da vovó Didi, porque eu tive contato com a tia Andresa e ela está com Covid.

Quando os meus pais saíam para trabalhar, eu ficava na casa da vovó Didi e brincava com a Gigi. A gente fazia um estrago na casa da vovó, quebrava as coisas, fazia a maior bagunça! A vovó Didi deixa a gente fazer qualquer coisa.

Ficar em casa com o papai e a mamãe é chato, ficar trancada nesse apartamento é chato. Na casa da vovó Didi, tem muito espaço pra correr, é melhor. Apartamento é muito chato, é um tédio!

A única coisa boa nessa pandemia é a água da torneira que é tão fresca quando a gente lava a mão. E ruim é a máscara, ela me incomoda.

Eu estudo no Colégio de Aplicação da UCP. A única coisa que eu gosto lá é da brinquedoteca e do parquinho, das tarefas eu não gosto não. Eu ainda não sei escrever direito, só sei as letras e os números também. Já sei escrever o meu nome, mas o do meu pai e da minha mãe eu não sei, é difícil. Agora, tenho aula pelo computador. Às vezes, tem uma aula, duas aulas, três aulas... Quando tem três, eu não gosto porque eu perco os desenhos que eu

[1] Laura Virginia Figueiredo Vieira, 5 anos, Petrópolis - RJ.

adoro. Eu sinto falta do colégio. Às vezes, a internet dos meus amigos trava.

Quando eu acordo de manhã, eu desenho e brinco, depois tem atividade da escola, eu janto e arrumo a casa. Eu sinto saudade de brincar no parque e da minha prima Gigi.

A vacina vai acabar com a pandemia, mas é ruim, ela vai arder. Eu não gosto de vacina, é feia! Ela é mais feia que o coronavírus. Quando acabar a pandemia, eu vou ao parque.

A minha quarentena

Lucas Brant e Silva de Albuquerque Vianna[2]

A minha quarentena está meio chata porque não posso ir para a escola, não posso viajar de avião e nem ir para festas. Mas em casa posso brincar de patinete, de pula-pula, de bicicleta, brincar na piscina de "tubarão-que-estala-dedos" com o meu pai, corro com a minha cachorrinha Preta pelo quintal e jogo no meu Nintendo. Eu gosto de ficar na minha casa, mas eu sinto falta de brincar com os meus colegas da escola.

Quando acordo, eu como um misto quente vendo tevê e depois vou para o quintal brincar. Meu pai me chama para estudar e quando acaba, às vezes, a gente vai para piscina antes do almoço. De tarde, assisto aula *on-line* com a minha professora e meus colegas. A aula é demorada e com muita coisa pra escrever, mas a minha mãe fica do meu lado trabalhando.

De noite, eu brinco sozinho de espião, de esconde-esconde no escuro e de jogo de tabuleiro na cama com os meus pais e depois vemos filme até dormir.

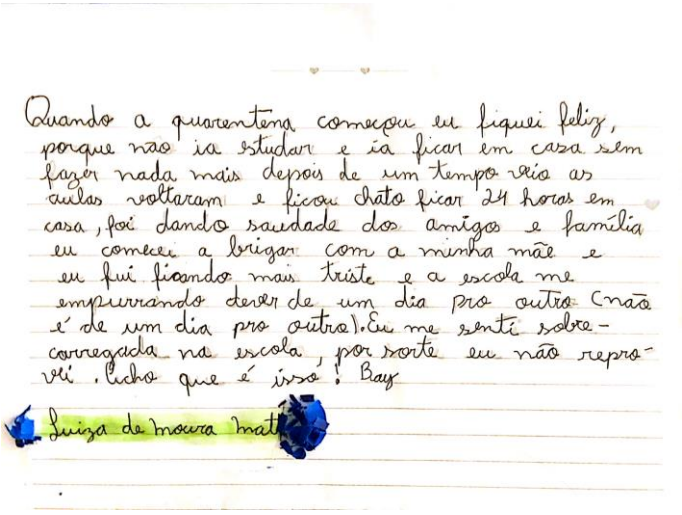
Alguns finais de semana, viajamos para o sitio de Miguel Pereira. Lá, eu brinco com os pintinhos (Senhor Osvaldo, Badoca e Cleitinho) e jogo futebol no campo. Gosto também de subir o morro atrás do campo. Lá é mais legal porque o espaço é mais aberto.

Eu estou me sentindo bem nessa quarentena porque eu estou com os meus pais em casa, brincando e com saúde. Eu quero que a pandemia acabe logo para eu encontrar com os meus amigos da escola.

[2] Lucas Brant e Silva de Albuquerque Vianna, 10 anos, Rio de Janeiro - RJ.

Luiza de Moura Mattos[1]

Quando a quarentena começou, eu fiquei feliz, porque não ia estudar e ia ficar em casa sem fazer nada. Mas depois de um tempo, as aulas voltaram e ficou chato ficar 24 horas em casa, foi dando saudade dos amigos e da família. Eu comecei a brigar com a minha mãe e eu fui ficando mais triste. E a escola me empurrando dever de um dia pro outro (não é de um dia pro outro). Eu me senti sobrecarregada na escola. Por sorte, eu não reprovei. Acho que é isso. Bay.


Quando a quarentena começou eu fiquei feliz, porque não ia estudar e ia ficar em casa sem fazer nada mais depois de um tempo vi as aulas voltaram e ficou chato ficar 24 horas em casa, foi dando saudade dos amigos e família eu comecei a brigar com a minha mãe e eu fui ficando mais triste e a escola me empurrando dever de um dia pro outro (não é de um dia pro outro). Eu me senti sobre-carregada na escola, por sorte eu não repro-vei. Acho que é isso! Bay

Luiza de Moura Mat

[1] Luiza de Moura Mattos, 11 anos, Macaé - RJ.

REDMI NOTE 8T
48MP QUAD CAMERA

Como eu me sinto na pandemia

Maria Clara Araujo Ruas Mello [1]

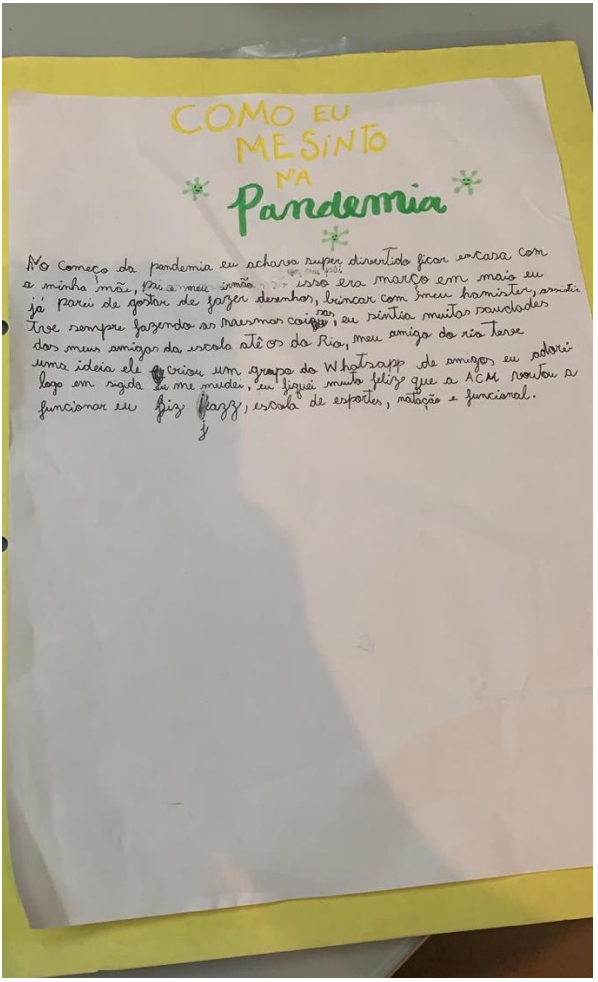
No começo da pandemia, eu achava super divertido ficar em casa com a minha mãe, pai e meu irmão. Isso era março. Em maio, eu já parei de gostar de fazer desenhos, brincar com meu hamister, assistir tevê, sempre fazendo as mesmas coisas.

Eu sentia muitas saudades dos meus amigos da escola, até os do Rio. Meu amigo do Rio teve uma ideia. Ele criou um grupo de WhatsApp de amigos e eu adorei.

Logo em seguida, eu me mudei.

Eu fiquei muito feliz que a ACM voltou a funcionar. Eu fiz jazz, escola de esportes, natação e funcional.

[1] Maria Clara Araujo Ruas de Mello, 9 anos, São José dos Campos - SP.



COMO EU ME SINTO NA Pandemia

No começo da pandemia eu achava super divertido ficar em casa com a minha mãe, pai e meu irmão. Isso era março em maio eu já parei de gostar de fazer desenhos, brincar com meu hamster, assistir Trose sempre fazendo as mesmas coisas, eu sentia muitas saudades dos meus amigos da escola até os do Rio, meu amigo do rio teve uma ideia ele criou um grupo do Whatsapp de amigos eu adorei logo em seguida eu me mudei, eu fiquei muito feliz que a ACM voltou a funcionar eu fiz Jazz, escola de esportes, natação e funcional.

Como foi a quarentena?

Mellyna Myrrha Alves Silva [1]

A quarentena foi chata e legal ao mesmo tempo. No início, foi meio chata, não podia sair e nem ver os amigos.

Nesse período de quarentena, eu aprendi muita coisa, fiquei em chamada com os amigos, etc.

Também aprendi que devemos aproveitar todos os momentos porque não são pra sempre. Tive aulas *on-line*, aprendi a fazer maquiagem etc. Agora, nós podemos sair, só que de máscara e sempre com álcool em gel na bolsa. Meus sentimentos nesse tempo foram de ansiedade, felicidade e saudades de ver os amigos e aglomerar.

Minha família, a gente só vê por chamadas de vídeo. É assim que matamos a saudade.

Cada dia, as coisas ficaram mais complicadas pra todos nós. Alguns amigos da minha família não sobreviveram a essa doença. Minha mãe ficava preocupada com a nossa saúde, com a limpeza da casa e os dias foram passando e a gente só dentro de casa, cuidando um do outro.

Na minha escola, quando tudo parou, minha tia Thaís sempre nos ligava, mandava mensagens de carinho e de força pra gente não desistir. Ela faz aulas *on-line* com a gente, faz brincadeiras, manda a gente cantar. São muito bons esses momentos. Dá pra gente matar a saudade dela e das minhas amigas. Também tenho outras tias da escola que mandam trabalhos pra gente e sempre pedem pra gente gravar um vídeo pra elas poderem nos ver. Não é o que a gente quer, mas é a forma mais segura pra todos

[1] Mellyna Myrrha Alves Silva, 12 anos, Rio de Janeiro - RJ.

nós. Nossas tias também já explicaram a importância da gente ficar em casa, lavar as mãos, sempre ter cuidado...

Mudança de sonhos

Pedro Antunes de Mattos[1]

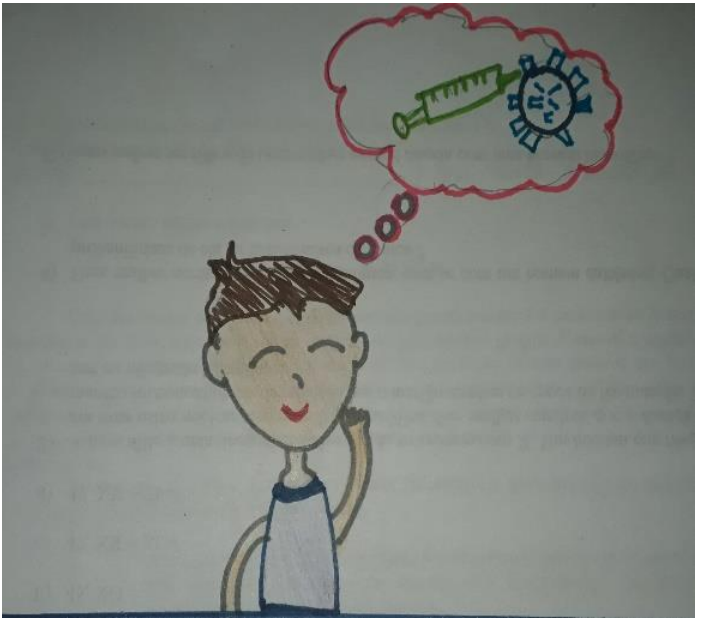
Era uma vez um menino chamado **Pedro,** que sonhava em ter pelo menos um dia para ficar em casa de bobeira, sem ter que ir à escola, para poder ficar jogando, desenhando, tomando banho de piscina e ligando para falar com os amigos. Justamente, em 13 de março de 2020, seu sonho se realizou e ele na mesma hora gritou*: Oba! Não vai ter mais aula!* (mal sabia ele que isso ia se tornar um pesadelo). O sonho de ficar em casa acabou não sendo de um só dia, mas de uma eternidade (até agora sete meses... daria quase para nascer um bebê).

Um tal de coronavírus que brotou na China através de sopa de morcego veio parar aqui no Brasil e foi ele a causa da quarentena de Pedro e todos os humanos existentes. Ele começou a achar que esta ideia de ficar em casa não era muito boa, pois ele não podia ver seus amigos, ir ao shopping, ir ao cinema ver um filme e também ir à escola.

Para o problema da escola, foram criadas as aulas *on-line*, que são feitas numa plataforma de reuniões e por isso ele começou a sentir saudades dos amigos, dos professores, dos colegas, entre outas coisas da escola.

Até seus parentes ele não via mais, como seus avós, os primos e os tios, por isso seu maior sonho passou a ser outro. Pedro agora sonha com o dia da vacinação contra a Covid-19.

[1] Pedro Antunes de Mattos, 11 anos, Rio de Janeiro - RJ.



Olá a todos!

Sara Vitória Silva de Oliveira [2]

Me chamo Sara Vitória, tenho nove anos e estou no 3° ano do ensino fundamental.

Tudo bem com vocês?

Bom, o que falar dessa doença chamada coronavírus que está pegando muita gente no mundo inteiro?

Tudo começou no mês de março, quando minha mãe me falou que eu não poderia ir mais à escola. Eu fiquei pensando quando eu iria voltar, quando eu iria rever meus amigos, minhas tias e tudo mais...

Daí, ela foi explicando que estávamos passando por uma pandemia. Eu cocei a cabeça porque nunca tinha ouvido essa palavra. Daí, ela falou que era uma doença que estava no mundo todo e que a gente não poderia ter contato com ninguém, sem abraços, sem beijo, sem um carinho sequer. Fiquei triste e comecei a pensar nos meus amigos, que eu não os veria por um longo tempo. Eu estava acostumada a vê-los todos os dias e de repente não os via mais.

Eu estou muito ansiosa para rever meus amigos, quero abraçar, beijar eles como fazíamos antes. Agora, vou ter o cuidado dobrado de sempre lavar as mãos.

Quando tudo isso acabar, vamos poder nos encontrar e contar como foram nossos dias. Minha mãe sempre fala que vai chegar um dia que a gente não vai lembrar mais do coronavírus. Assim espero também.

Bom, deixo aqui meu carinho a todos e espero em breve rever vocês.

---

[2] Sara Vitória Silva de Oliveira, 9 anos, Rio de Janeiro - RJ.

Aprendi uma coisa nesse tempo: a higiene sempre é importante e que tenhamos mais cuidado daqui pra frente. Vamos nos preparar pro nosso encontro que será em breve. Um abraço a todos.

Sofia Dantas Chirico[1]

Esse coronavírus foi ruim porque eu não pude sair de casa. Mas o pior de tudo é que eu não pude fazer festa do pijama com as minhas amigas. Eu fiquei triste e ao mesmo tempo brava.

Mas foi bom porque eu pude viajar. Eu viajei para casa da minha dinda em Teresópolis e fiquei na roça. Tomei banho de chuveirão com meu primo e fui à Parati.

A pandemia faz muita coisa de ruim para a gente. Faz a gente ter uma vida corrida, passar álcool em gel, colocar a máscara, lavar a mão e não sair de casa.

Eu fico triste porque eu penso que o coronavírus nunca vai acabar porque o Covid-19 está desde março com a gente. Mas eu estou feliz porque fui ao canil buscar minha cachorrinha Zoé e ela me trouxe alegria.

[1] Sofia Dantas Chirico, 8 anos, Rio de Janeiro - RJ.

PARATV
Sofia Dantas
Chiarico

Sofia Fernandes do Nascimento[1]

Quando começou a pandemia, minha mãe começou a trabalhar em casa. E eu ficava fazendo textos quando minha mãe falava para eu escolher um livro, ler e escrever. Então, todos dias da pandemia eu faço isso.

Eu estou achando um pouco chato ficar em casa porque eu gosto de passear, mas fico triste de tantas pessoas que estão morrendo. É muito, muito triste, mas ficar em casa é para a nossa segurança. Ficar em casa é para segurança de todos nós, para adultos, crianças, jovens, e especialmente os idosos. Então, todos temos de ficar em casa. Quando meu pai chegava da rua, antes dele me dar um abraço e um beijo, ele tomava banho.

A minha avó pegou o coronavírus e ficou muito doente, mas ela melhorou graças a Deus. Eu fiquei com muito medo de pegar o coronavírus. No meu aniversário, eu ganhei um café da manhã e uma bebê *reborn*. Só não era uma festa porque o coronavírus é um chato! Mas veio o meu primo de 15 anos, a minha prima de 7 anos, a minha avó e a minha tia e todo mundo gostou do meu aniversário. Eu fiquei muito feliz, mas o meu melhor presente é estar com minha família todo dia.

[1] Sofia Fernandes do Nascimento, 8 anos, Hortolândia - SP.

A quarentena de Theo

Theo de Menezes Faria Barreto[1]

No começo do ano, antes da pandemia, eu estava saindo de casa. E quando anunciaram a quarentena, eu estava achando muito chato. Eu nem podia ver os meus avós que cuidavam de mim e meu irmão quando meus pais estavam trabalhando. E a aula *on-line*, não quero nem falar. Estava sendo chato porque eu ficava três horas na frente de uma tela e ao redor tinha brinquedos e a minha cachorra. Aí, eu queria brincar e não assistir aula. Mas, pra falar a verdade, eu estava gostando de falar com os meus amigos e a minha professora.

A parte boa da quarentena foi passar mais tempo com a minha família, minha mãe, meu pai, meu irmão e minha cachorrinha. Nós brincamos juntos de amarelinha e pula-corda, assistimos muitos filmes e séries, jogamos *pokémon* e *videogame*.

Se passaram dias e dias, acho que três meses, aí depois pude ver meus avós e eu gostei muito. Logo depois, me acostumei com a quarentena e a aula *on-line* e gostei da quarentena.

[1] Theo de Menezes Faria Barreto, 8 anos, Rio de Janeiro - RJ.

Valentina Barrozo Gomes da Silva[2]

Sou Valentina, tenho onze anos e esse seria meu último ano na escola. Estou nela desde o maternal. Eu achei que eu iria dançar a dança de fim de ano, ter provas, escrever com caneta, que é um sonho de toda a minha sala e esse ano nós iríamos conquistar. Achei também que iria ter a minha formatura, quando me falaram que eu iria ter uma formatura, fiquei em choque! Porém, nada aconteceu. Essa pandemia chegou em um ano que eu queria muito passar com todos os meus amigos.

O meu último dia de aula foi muito bom, não sabia que seria o último dia, foi em uma sexta-feira. Eu tinha levado meu celular e joguei *Among Us*. Na hora do lanche, brincamos de pique-pega. No final da aula, eu brinquei de pique-bandeirinha.

Na minha turma, nós sentávamos separados, mas eu e meus amigos pedíamos muito para a professora para sentarmos em dupla. Porém, ela só deixava às vezes, na verdade ela só deixava quando a turma inteira estava se comportando. No lanche, eu sentava com a minha amiga Gaby ou com os meus amigos meninos. Às vezes, um pegava o lanche do outro.

Quando entrei no carro para ir embora, minha mãe falou: "você e seu irmão não voltam mais para a escola". Eu fiquei triste e pensei que esse seria o pior ano de todos (e infelizmente acho que acertei), porém eu sabia que era pelo nosso bem.

Depois de 2 dias, estava parecendo férias, só que sem sair de casa, eu não tinha trabalho nenhum para fazer, até

[2] Valentina Barrozo Gomes da Silva, 11 anos, Rio de Janeiro - RJ.

que a escola decidiu começar a mandar dever pelo *WhatsApp*. Era muito fácil, nem parecia que eu estava no quinto ano. Todo dia eu fazia. Depois de dois meses fazendo pelo *WhatsApp*, nas sextas-feiras, eu entrava no *Zoom* e minha professora fazia algumas brincadeiras para exercitar a escrita e o raciocínio. Isso durou um mês e agora eu tenho duas aulas no *Zoom* às segundas, terças, quartas e quintas feiras. Essas aulas não são mais com brincadeiras. Agora, ela escreve em um quadro branco e a turma tem que copiar e fazer. Eu até que concordo, porém tem uma coisa que eu não concordo, que é trabalho de casa. Durante a aula no *Zoom*, ela fala para copiarmos e fazermos depois e eu acho isso totalmente exagerado. Às sextas-feiras, a professora manda em um grupo da minha turma, por PDF, os trabalhos e alguns vídeos explicando.

Muitas pessoas acham que estão aprendendo menos nas aulas *on-line*. Eu concordo. Às vezes, a internet não funciona ou a pessoa não sabe mexer no aplicativo da aula, nós alunos não conseguimos interagir com nossos amigos. Outras vezes, a pessoa fala com o microfone desligado ou o áudio da professora falha no meio da explicação. A professora dá a aula no *Zoom* como se fosse na escola. Ela copia no quadro ao invés de mandar por PDF a atividade, ou usar outras tecnologias, dentre outras situações e problemas. Porém, agora isso faz parte do nosso cotidiano.

Na pandemia, muitas pessoas estão com saudades de seus familiares e amigos e eu sou uma dessas pessoas. Eu ligo para alguns dos meus amigos praticamente todos os dias. Infelizmente, minha mãe só deixa 1 hora por dia, porém no final de semana ela libera um pouco mais. Eu estou passando a quarentena na casa dos meus avós por parte de mãe e meus avós por parte de pai eu só vejo por chamada de vídeo. Presencialmente, não os vejo desde o início da quarentena. Estou com muita saudade deles, dos

meus amigos, dos meus parentes, das minhas tias Janaína e Luciana e também do meu tio Zenir.

Na quarentena, eu e minha família estamos fazendo várias coisas diferentes. Já fizemos piquenique no clube, fizemos hambúrguer várias vezes, fizemos pizza e fizemos *fondue* também. Ganhamos uma piscina de dia das crianças. Conheci uma saga de filmes que agora é a minha preferida: *Harry Potter*, que minha mãe me apresentou. Meu dindo Leo e meu primo João também gostam. Quase todos os dias eu e meu irmão brigamos (coisas de irmãos). Eu, meu pai e minha mãe, nessa quarentena, fizemos uma blusa *tie-dye* em uma blusa minha e em uma blusa do meu irmão. Foi muito maneiro.

Desejo que a pandemia acabe logo, para pelo menos eu conseguir passar o Natal e o ano novo com minha família. Espero que chegue logo uma vacina, porém infelizmente essa não é a nossa realidade. Pelas condições que estamos, eu acho que a vacina só ficará pronta em março de 2021. Se essa minha estatística estiver certa, vai ser meu primeiro carnaval sem ir em blocos, sem alugar casa, sem praia.

Sobre os autores e as autoras das histórias

Alice de Fátima Costa Almeida

Eu sou **Alice**, tenho seis anos e eu moro em Bragança do Pará. Eu quero que as crianças permaneçam em casa, usem máscaras quando sair e não saiam muito das suas casas.

Arthur Duarte Combochi

Eu sou o Arthur Duarte Combochi. Tenho sete anos e farei 8 anos no próximo mês (novembro). Sou agitado, curioso, inteligente, amigo e carinhoso. Gosto de brincar, passear, estudar e aprender, dormir e comer.

Caio Ferreira Castro

Eu sou **Caio Ferreira Castro**, tenho dez anos e moro em Indaiatuba/SP. Hoje, tenho a esperança de um dia podermos voltar à vida normal. Hoje, o que mais peço a Deus é a chegada da vacina e de dias melhores.

Catarina Ferreira de Carvalho Guerra

Eu sou a **Catarina,** tenho oito anos. Eu já sou "uma escritora". Estou escrevendo alguns livros em casa, uns 28, por aí... Gosto muito de escrever...

Enzo Pioli Figueira

Sou Enzo Pioli Figueira, tenho onze anos e moro no Estado da Louisiana - EUA. Eu não vejo a hora de chegar o dia em que teremos uma solução para este vírus! Todos querem voltar à vida normal. É muito sem graça viver com tanta restrição.

Gael Barrozo Gomes da Silva

Eu sou **Gael**, eu gosto de jogar futebol e *Roblox*. Sou fofo como a neve, com olhos castanhos e brancos e cabelo como água de cor marrom. Eu gosto de ser um *gamer*, porque eles jogam para fazer o jogo existir.

Guilherme Fernandes do Nascimento

Meu nome é **Guilherme**, eu tenho seis anos. Gosto de vídeos de carros e de brincar com amigos. Sinto falta de ir pra escola por causa das brincadeiras e dos amiguinhos.

Guilherme Duarte Combochi

Eu me chamo **Guilherme Duarte Combochi** e tenho doze anos. Sou um menino alegre, esperto e um pouco tímido. Gosto de viajar, ficar com minha família, jogar no celular e comer.

Isabela Varani Souto

Sou Isabela Varani Souto, tenho nove anos. Na quarentena, estou com muitas saudades dos meus amigos. Mas consegui manter contato pelo *WhatsApp* e *Hangouts* e às vezes combinamos de dar uma volta de bicicleta em alguma praça ou esbarro em um deles por aí, mas isso acontece raramente

João Miguel Abrão Pina Lopretti

Olá! Meu nome é **João Miguel**. Tenho 8 anos, sou brasileiro, mas faz 2 anos que eu moro em Katy, no estado do Texas. O Covid-19 arruinou as minhas férias de verão. Estava tudo planejado para ir pro Brasil e ver a minha família.

João Pedro Farias Barreto

Eu sou João Pedro de Menezes Faria Barreto, nasci em 3/4/10 e hoje tenho dez anos. A parte boa da quarentena é que eu estava passando mais tempo com a minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão. Aprendi a pular corda e a pular amarelinha.

Júlia Marinho Vieira

Sou a Júlia Marinho Vieira e tenho seis anos. Sinto saudades dos meus amiguinhos da escola. Fico em casa, brincando e assistindo desenhos. Gosto de tomar banho de piscina e fazer bolo com a mamãe.

Laura Virgínia Figueiredo Vieira

Meu nome é **Laura Virgínia**, tenho cinco anos e o que eu mais gosto de fazer é desenhar. Aprendi com meu pai e desenho muito bem. Eu desenho mais de dia do que de noite.

Lucas Brant e Silva de Albuquerque Vianna

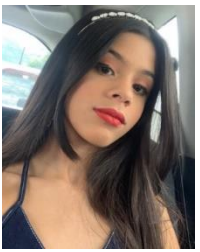
Meu nome é Lucas e tenho dez anos. Eu estou me sentindo bem nessa quarentena porque eu estou com os meus pais em casa, brincando e com saúde. Eu quero que a pandemia acabe logo para eu encontrar com os meus amigos da escola.

Luiza de Moura Mattos

Sou Luiza e tenho onze anos. Quando a quarentena começou, eu fiquei feliz, porque não ia estudar e ia ficar em casa sem fazer nada. Mas depois de um tempo, as aulas voltaram e ficou chato ficar 24 horas em casa.

Maria Clara Araujo Ruas Mello

Sou Maria Clara. Tenho nove anos. No começo da pandemia, eu achava super divertido ficar em casa com a minha mãe, pai e meu irmão. Em maio, eu já parei de gostar de fazer desenhos, brincar com meu hamister, assistir tevê, sempre fazendo as mesmas coisas.

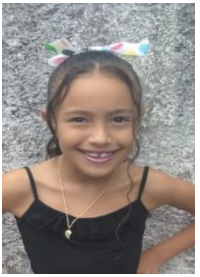


Mellyna Myrrha Alves Silva

Eu me chamo Mellyna Martha e tenho doze anos. A quarentena foi chata e legal ao mesmo tempo. No início, foi meio chata, não podia sair e nem ver os amigos.

Pedro Antunes de Mattos

Era uma vez um menino chamado Pedro, que sonhava em ter pelo menos um dia para ficar em casa de bobeira, sem ter que ir à escola. O sonho de ficar em casa acabou não sendo de um só dia, mas de uma eternidade (até agora sete meses... daria quase para nascer um bebê).

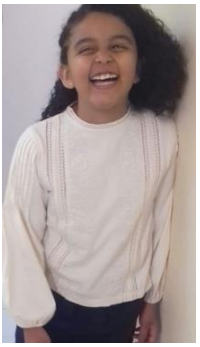


Sara Vitória Silva de Oliveira

Eu me chamo Sara Vitória, tenho nove anos e estou no 3° ano do ensino fundamental. Aprendi uma coisa nesse tempo: a higiene sempre é importante e que tenhamos mais cuidado daqui pra frente.

Sofia Dantas Chirico

Sou Sofia e tenho oito anos. Eu fico triste porque eu penso que o coronavírus nunca vai acabar porque o Covid-19 está desde março com a gente.



Sofia Fernandes do Nascimento

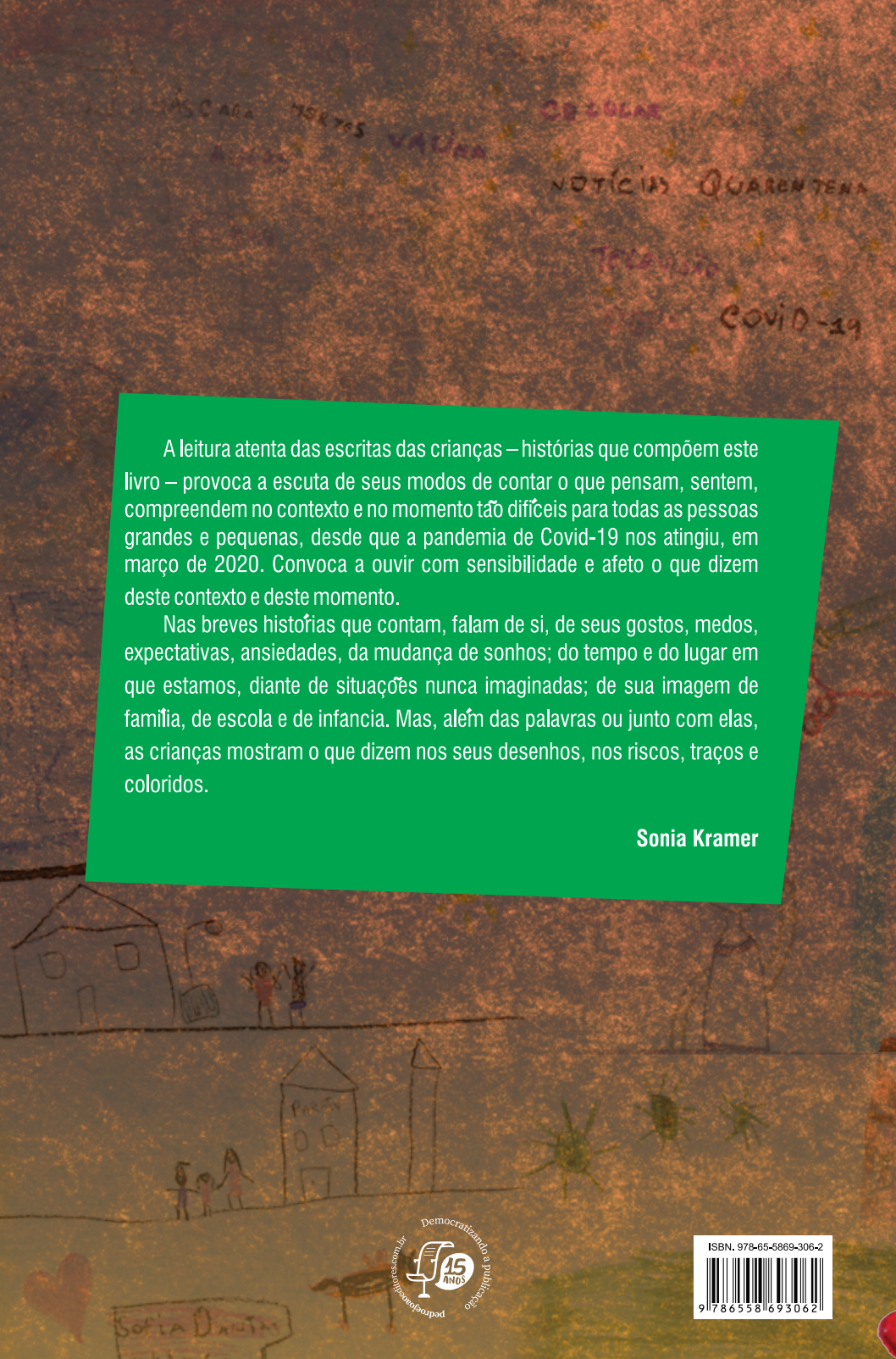
Eu me chamo Sofia e tenho oito anos. Estou achando um pouco chato ficar em casa porque eu gosto de passear, mas fico triste de tantas pessoas que estão morrendo.

Theo de Menezes Faria Barreto

Sou o Theo e tenho oito anos. A parte boa da quarentena foi passar mais tempo com a minha família, minha mãe, meu pai, meu irmão e minha cachorrinha.

Valentina Barrozo Gomes da Silva

Sou Valentina, tenho onze anos e esse seria meu último ano na escola. Estou nela desde o maternal. Eu achei que eu iria dançar a dança de fim de ano, ter provas, escrever com caneta, que é um sonho de toda a minha sala e esse ano nós iríamos conquistar.



A leitura atenta das escritas das crianças – histórias que compõem este livro – provoca a escuta de seus modos de contar o que pensam, sentem, compreendem no contexto e no momento tão difíceis para todas as pessoas grandes e pequenas, desde que a pandemia de Covid-19 nos atingiu, em março de 2020. Convoca a ouvir com sensibilidade e afeto o que dizem deste contexto e deste momento.

Nas breves histórias que contam, falam de si, de seus gostos, medos, expectativas, ansiedades, da mudança de sonhos; do tempo e do lugar em que estamos, diante de situações nunca imaginadas; de sua imagem de família, de escola e de infancia. Mas, além das palavras ou junto com elas, as crianças mostram o que dizem nos seus desenhos, nos riscos, traços e coloridos.

Sonia Kramer

Democratizando a publicação
pedrogiovaneditores.com.br
15 ANOS

ISBN. 978-65-5869-306-2
9 786558 693062